

Indústria do lote está ativa no DF, de acordo com levantamento da Sudesa. Santa Maria, Ceilândia e Gama são os campeões da grilagem. Mas a ameaça já chegou a áreas nobres, como o Lago Sul

586 PONTOS DE INVASÃO

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Quase duas décadas depois das invasões em série de áreas públicas, quando centenas de condomínios irregulares se formaram na capital federal, grileiros ainda agem na cidade, parce-

lando terrenos, destruindo o meio ambiente e explorando brasileiros que sonham com a casa própria. Mesmo com a rigidez da fiscalização e o aumento do policiamento das áreas mais visadas, a indústria do lote sobrevive em Brasília. A Subsecretaria de Defesa do Solo e da Água (Sudesa) concluiu um levantamento que

identificou 586 pontos de invasão de área pública na cidade. Santa Maria, Ceilândia e Gama estão entre as regiões com maior número de registros de grilagem ou tentativa de invasão de espaços públicos. Mas áreas nobres como o Lago Sul também estão na mira de criminosos em busca de dinheiro fácil.

Os grileiros têm como alvo pessoas das mais variadas classes sociais. Em parcelamentos carentes de Ceilândia, sem nenhum tipo de infra-estrutura, pessoas vendem o mesmo lote a diversas pessoas e entregam documentos frágeis, como cessões de direito de uso. Quando vai começar a construir a sonhada casa, o com-

prador descobre que dezenas de outras pessoas também são “donas” do mesmo terreno.

Mas essa prática não fica restrita a regiões onde as pessoas têm menor nível socioeconômico e poder aquisitivo mais baixo. A apenas cinco quilômetros do principal cartão-postal da cidade — a ponte JK —, o comércio de lotes

em área pública é intenso. Os grileiros vendem irregularmente um terreno de 1 mil metros quadrados na região do Lago Sul por apenas R\$ 15 mil. Um lote regular no bairro custa, pelo menos, R\$ 500 mil.

LEIA MAIS SOBRE GRILAGEM NA

PÁGINA 28

